



PREVALÊNCIA DE BURNOUT NOS ENFERMEIROS EM CONTEXTO ONCOLÓGICO

Resumo: A enfermagem em contexto oncológico caracteriza-se por elevada exigência emocional, exposição contínua ao sofrimento e à morte, favorecendo o desenvolvimento do burnout, definido por exaustão emocional, despersonalização e reduzida realização profissional. Esta revisão integrativa teve como objetivo identificar a prevalência de burnout em enfermeiros que atuam em unidades de oncologia e os fatores associados. A pesquisa foi conduzida nas bases de dados CINAHL Complete e MEDLINE Complete, segundo a estratégia PICO e critérios de inclusão previamente estabelecidos. Dos 202 estudos inicialmente identificados, 11 foram incluídos para análise. Os resultados evidenciaram elevada prevalência de burnout, particularmente em profissionais com maior tempo de serviço, idade avançada e contacto frequente com doentes terminais. Observou-se impacto negativo na qualidade dos cuidados, satisfação profissional e intenção de abandono da profissão. Conclui-se que o burnout constitui um problema significativo na enfermagem oncológica, exigindo estratégias institucionais de prevenção, apoio psicossocial e melhoria das condições laborais.

Descritores: Enfermagem, Burnout Profissional, Oncologia, Estudos Transversais.

Prevalence of Burnout among nurses in oncology settings

Abstract: Oncology nursing is characterized by high emotional demands and continuous exposure to suffering and death, contributing to the development of burnout, defined by emotional exhaustion, depersonalization, and reduced professional accomplishment. This integrative review aimed to identify the prevalence of burnout among nurses working in oncology units and the associated factors. The search was conducted in the CINAHL Complete and MEDLINE Complete databases, following the PICO strategy and previously established inclusion criteria. Of the 202 studies initially identified, 11 were included for analysis. The findings revealed a high prevalence of burnout, particularly among professionals with longer work experience, older age, and frequent contact with terminally ill patients. A negative impact was observed on quality of care, job satisfaction, and intention to leave the profession. Burnout constitutes a significant issue in oncology nursing, requiring institutional prevention strategies, psychosocial support, and improved working conditions.

Descriptors: Nursing, Professional Burnout, Oncology, Cross-Sectional Studies.

Prevalencia del Burnout en enfermeros en contextos oncológicos

Resumen: La enfermería en el contexto oncológico se caracteriza por altas exigencias emocionales y exposición continua al sufrimiento y la muerte, lo que favorece el desarrollo del burnout, definido por agotamiento emocional, despersonalización y disminución de la realización profesional. Esta revisión integradora tuvo como objetivo identificar la prevalencia del burnout en enfermeros que trabajan en unidades oncológicas y los factores asociados. La búsqueda se realizó en las bases de datos CINAHL Complete y MEDLINE Complete, siguiendo la estrategia PICO y criterios de inclusión previamente establecidos. De los 202 estudios inicialmente identificados, 11 fueron incluidos para el análisis. Los resultados evidenciaron una elevada prevalencia de burnout, especialmente en profesionales con mayor tiempo de servicio, edad avanzada y contacto frecuente con pacientes terminales. Se observó un impacto negativo en la calidad de la atención, la satisfacción laboral y la intención de abandonar la profesión. Se concluye que el burnout constituye un problema significativo en la enfermería oncológica, requiriendo estrategias institucionales de prevención, apoyo psicossocial y mejora de las condiciones laborales.

Descriptores: Enfermería, Burnout Profesional, Oncología, Estudios Transversales.

Cátia Solange Ferreira Simões

Enfermeira. Especialista em Enfermagem de Saúde Comunitária e Saúde Pública, Serviço de Oncologia Médica no Instituto Português de Oncologia de Coimbra Francisco Gentil, EPE.

E-mail: catia.sol21@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-4154-046X>

Andreia Filipa Alves Pinto

Enfermeira. Especialista em Enfermagem Médico- Cirúrgica, Pessoa em Situação Crítica, Serviço de Oncologia Médica no Instituto Português de Oncologia de Coimbra Francisco Gentil, EPE.

E-mail: andreiafpinto95@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-5281-5466>

Ana Carina Silva Cabecinhas

Enfermeira. Especialista em Enfermagem de Saúde Comunitária e Saúde Pública, Serviço Consulta Externa/Imagiologia da Unidade Local de Saúde do Médio Tejo.

E-mail: carinacabecinhas95@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-9295-2887>

Carolina Simões Duarte

Enfermeira. Serviço de Oncologia Médica no Instituto Português de Oncologia de Coimbra Francisco Gentil, EPE.

E-mail: carolinaduarte308@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-3526-0407>

Submissão: 21/02/2026

Aprovação: 11/05/2026

Publicação: 30/05/2026



Como citar este artigo:

Simões CSF, Pinto AFA, Cabecinhas ACS, Duarte CS. Prevalência de Burnout nos enfermeiros em contexto oncológico. São Paulo: Rev Recien. 2026; 16(44):405-413. DOI: <https://doi.org/10.24276/rrecien2026.16.44038>

Introdução

O aumento progressivo da incidência de doenças oncológicas constitui um dos principais desafios atuais dos sistemas de saúde, exigindo cuidados cada vez mais complexos e prolongados ao longo do percurso terapêutico¹. A Organização Mundial da Saúde estima que o cancro seja responsável por milhões de novos casos anuais, impondo elevada pressão sobre os serviços hospitalares e profissionais de saúde².

Neste contexto, os enfermeiros assumem papel essencial no acompanhamento contínuo da pessoa com doença oncológica, sendo responsáveis pela gestão de sintomas, administração terapêutica, apoio emocional e educação para a saúde³. O envolvimento prolongado com o sofrimento físico e psicológico dos doentes e suas famílias exige elevado investimento emocional por parte destes profissionais⁴.

A exposição persistente a situações de dor, perda, incerteza prognóstica e morte constitui fator determinante de stress ocupacional crónico⁵. A literatura evidencia que contextos clínicos emocionalmente exigentes, como oncologia e cuidados paliativos, apresentam maior prevalência de desgaste psicológico quando comparados com outras áreas assistenciais⁶.

O conceito de *burnout* foi inicialmente descrito como uma resposta ao stress laboral prolongado, caracterizando-se por exaustão emocional, despersonalização e diminuição da realização profissional⁷. A exaustão emocional reflete a sensação de esgotamento; a despersonalização traduz atitudes de distanciamento ou frieza emocional; e a baixa realização profissional associa-se à perceção de ineficácia no desempenho⁸.

Em profissionais de saúde, o *burnout* tem sido associado a múltiplas consequências adversas, incluindo deterioração da saúde mental, aumento do risco de depressão, diminuição da empatia, erros clínicos, insatisfação laboral e elevada rotatividade profissional⁹. Estes efeitos comprometem não só o bem-estar do profissional, mas também a segurança do doente e a qualidade dos cuidados prestados¹⁰.

Estudos internacionais demonstram que enfermeiros apresentam maior vulnerabilidade ao *burnout* quando comparados com outros grupos profissionais de saúde, particularmente em contextos de elevada exigência emocional¹¹. Entre os enfermeiros oncológicos, a prevalência de exaustão emocional varia entre 40% e 85%, dependendo do contexto organizacional e da carga assistencial^{12,13}.

Fatores organizacionais como escassez de recursos humanos, sobrecarga horária, turnos prolongados, pressão assistencial e fragilidade do apoio institucional intensificam o risco de *burnout*¹⁴. Simultaneamente, fatores individuais, como idade, tempo de serviço, estratégias de coping e resiliência, influenciam a vulnerabilidade ao desgaste emocional¹⁵.

Nos serviços de cuidados paliativos e oncologia, o contacto contínuo com doentes em fase avançada da doença, sofrimento familiar e tomada de decisões éticas complexas constitui um dos principais fatores de risco identificados¹⁶. A literatura aponta ainda que a ausência de formação específica em gestão emocional e luto contribui para o aumento do stress ocupacional¹⁷.

Apesar da crescente evidência científica, muitos serviços de saúde continuam a carecer de programas estruturados de prevenção do *burnout*,

focados no apoio psicológico, melhoria das condições de trabalho e fortalecimento da liderança¹⁸. A identificação sistemática da prevalência e dos fatores associados torna-se essencial para orientar políticas institucionais eficazes.

O ambiente hospitalar oncológico caracteriza-se por elevada intensidade assistencial, ritmo acelerado de trabalho e exigência constante de tomada de decisões clínicas complexas. A necessidade de gerir sintomas graves, efeitos adversos dos tratamentos e situações de agravamento clínico súbito contribui para níveis elevados de stress ocupacional entre os enfermeiros, que frequentemente enfrentam limitações de tempo e recursos para prestar cuidados de forma ideal.

Para além da carga emocional inerente ao contacto com o sofrimento, os profissionais de enfermagem oncológica lidam frequentemente com conflitos éticos, como decisões relacionadas com a limitação de tratamentos, cuidados de fim de vida e comunicação de prognósticos desfavoráveis. Estes dilemas éticos, quando não acompanhados por suporte institucional adequado, aumentam o risco de desgaste emocional e sentimentos de impotência profissional.

Outro fator relevante prende-se com a crescente escassez de profissionais de enfermagem nos sistemas de saúde, que conduz à sobrecarga das equipas existentes. A acumulação de funções, a realização de turnos prolongados e a dificuldade em usufruir de períodos adequados de descanso contribuem para a fadiga crónica, reconhecida como precursora da exaustão emocional.

A pandemia de COVID-19 veio ainda agravar as condições de trabalho em muitos serviços oncológicos, aumentando a pressão assistencial, o medo de contaminação e a necessidade de reorganização constante dos cuidados. Embora a oncologia já fosse considerada área de elevado risco para burnout, este contexto reforçou a vulnerabilidade psicológica dos profissionais.

Importa igualmente considerar o impacto das relações interpessoais no local de trabalho. Ambientes marcados por comunicação ineficaz, falta de reconhecimento profissional e liderança pouco participativa estão associados a maior insatisfação laboral e níveis mais elevados de *burnout*. Pelo contrário, equipas coesas e com suporte mútuo tendem a apresentar maior resiliência emocional.

A perceção de falta de controlo sobre o próprio trabalho constitui outro determinante relevante do desgaste profissional. Protocolos rígidos, carga administrativa excessiva e pouca autonomia na tomada de decisões clínicas contribuem para sentimentos de frustração e desvalorização profissional, favorecendo a progressão do burnout.

Além disso, a cultura profissional de valorização do sacrifício e da dedicação extrema, frequentemente presente na enfermagem, pode levar à negligência do autocuidado. Muitos enfermeiros priorizam as necessidades dos doentes em detrimento do próprio bem-estar, perpetuando comportamentos de sobrecarga física e emocional.

A longo prazo, a exposição contínua a estes fatores pode desencadear não apenas *burnout*, mas também sintomas depressivos, ansiedade, distúrbios do sono e alterações na qualidade de vida. Estes efeitos repercutem-se tanto na esfera

profissional quanto pessoal, comprometendo relações familiares e sociais.

Deste modo, a compreensão aprofundada dos múltiplos determinantes do burnout em enfermagem oncológica é essencial para a construção de ambientes de trabalho saudáveis e sustentáveis. Investir em políticas de prevenção, promoção da saúde ocupacional e apoio psicossocial torna-se uma prioridade estratégica nos sistemas de saúde contemporâneos.

Deste modo, esta revisão integrativa visa analisar de forma aprofundada a prevalência do burnout em enfermeiros em contexto oncológico, bem como os principais determinantes individuais e organizacionais envolvidos.

Objetivo

Identificar qual a prevalência de sintomas de burnout entre enfermeiros que trabalham em unidades de oncologia; perceber os fatores que podem contribuir para o burnout nos enfermeiros na área de oncologia.

Material e Método

Tendo em conta a temática presente foi realizada uma revisão integrativa da literatura nas bases de dados CINAHL Complete (via *EBSCOhost*) e MEDLINE Complete (via *PubMed*), com o objetivo de dar resposta à seguinte questão de revisão: Qual a prevalência de *burnout* nos enfermeiros em contexto oncológico?

A questão de pesquisa foi elaborada de acordo com a mnemónica “PICO” – população (P), fenómeno de interesse (I) e contexto (Co). Neste caso, a população são os enfermeiros, o fenómeno de interesse remete-nos para a prevalência de *burnout* e, por último, o contexto que engloba os estudos realizados em contexto oncológico.

A pesquisa foi realizada no dia 03 de setembro de 2024 com recurso a linguagem natural, descritores e a critérios de inclusão e exclusão. Os artigos selecionados foram analisados, extraindo-se os dados relevantes e realizando-se a síntese da evidência.

A pesquisa identificou 202 estudos potencialmente relevantes. Após extração dos duplicados restaram 196 artigos, destes 173 foram excluídos após leitura de título e 9 após leitura do resumo. Restaram 14 artigos que foram lidos na íntegra, dos quais 3 foram descartados por falta de relevância para a temática. No final, 11 artigos foram incluídos e analisados nesta revisão.

O processo de seleção dos estudos seguiu as recomendações PRISMA, assegurando transparência na identificação, triagem, elegibilidade e inclusão dos artigos.

Identificação

Artigos identificados nas bases de dados: CINAHL Complete + MEDLINE Complete (n=202)

Artigos após remoção de duplicados: (n=196)

Triagem

Artigos avaliados por título: (n=196)

Artigos excluídos: (n=173)

Elegibilidade

Artigos avaliados por resumo: (n=23)

Artigos excluídos por não cumprir critérios: (n=9)

Inclusão

Artigos avaliados na íntegra: (n=14)

Artigos excluídos após leitura completa: (n=3)

Estudos incluídos na revisão final: (n=11).

Resultados e Discussão

A presente revisão integrativa incluiu estudos desenvolvidos em diversos contextos culturais e

organizacionais, abrangendo China, Espanha, Tunísia, Brasil, Estados Unidos, Croácia, Polónia, Brunei e Portugal, o que permite uma análise abrangente da prevalência do burnout em enfermeiros oncológicos em diferentes sistemas de saúde¹¹⁻¹⁹. A maioria dos estudos apresentou delineamento transversal quantitativo, utilizando predominantemente o Maslach Burnout Inventory como instrumento de avaliação, embora também se incluíssem estudos qualitativos e um ensaio randomizado por cluster.

De forma consistente, os resultados demonstraram elevada prevalência de burnout, particularmente na dimensão da exaustão emocional, considerada o núcleo central da síndrome.

No estudo realizado na China, envolvendo 279 enfermeiros oncológicos, observou-se que os profissionais apresentavam níveis moderados a elevados de burnout, com maior exaustão emocional associada a idade superior a 40 anos, maior tempo de serviço, sexo feminino, estado civil casado ou divorciado e contacto frequente com doentes terminais¹¹.

Estes resultados sugerem que o desgaste emocional se acumula ao longo dos anos de exposição ao contexto oncológico, reforçando a natureza crónica do stress ocupacional nesta especialidade.

Resultados semelhantes foram identificados na Tunísia, onde 85,7% dos enfermeiros oncológicos apresentaram burnout, sendo 20% classificados com níveis elevados¹³. A associação significativa entre exaustão emocional e anos de experiência profissional confirma o impacto cumulativo da exposição prolongada ao sofrimento e às exigências

emocionais do cuidado oncológico.

Embora não se tenha verificado associação estatisticamente significativa com o sexo, a maior prevalência em mulheres reflete a tendência observada em diversos estudos internacionais.

No contexto espanhol, o estudo multicêntrico revelou que 20,2% dos enfermeiros apresentavam burnout elevado e 51,2% trauma secundário moderado¹². Um aspeto particularmente relevante foi a elevada percentagem de profissionais que manifestaram intenção de abandono da profissão (21,8%) e que afirmaram não escolher novamente a enfermagem como carreira (85,1%).

Estes dados evidenciam o impacto profundo do desgaste emocional não apenas na saúde mental, mas também na motivação profissional e sustentabilidade dos recursos humanos em oncologia.

No Brasil, o estudo envolvendo 655 profissionais de enfermagem identificou níveis elevados de exaustão emocional em 42% da amostra e níveis moderados em 27%¹⁵. Fatores como melancolia, impaciência com colegas, dificuldades relacionais e ausência de satisfação profissional foram associados a maior risco de burnout.

Adicionalmente, os profissionais que afirmaram que escolheriam novamente a profissão apresentaram menor probabilidade de desenvolver a síndrome, evidenciando o papel protetor da realização profissional e do sentido de propósito no trabalho.

A abordagem qualitativa brasileira complementa estes dados quantitativos ao revelar que os enfermeiros percecionam o burnout como stress naturalizado no quotidiano assistencial¹⁶. A

naturalização do sofrimento profissional emerge como um mecanismo de adaptação, mas simultaneamente pode dificultar o reconhecimento precoce do desgaste emocional. Estratégias como espiritualidade, autocuidado e ressignificação da experiência de trabalho surgem como mecanismos fundamentais de enfrentamento, reforçando a importância dos recursos internos no equilíbrio psicológico dos profissionais.

Na Croácia, verificou-se correlação negativa estatisticamente significativa entre as dimensões de exaustão emocional e despersonalização com a satisfação profissional ($p < 0,001$)¹⁴. Os enfermeiros de cuidados paliativos apresentaram os níveis mais elevados de burnout, confirmando que os contextos de maior proximidade com a morte e sofrimento intenso constituem ambientes de risco acrescido.

A realização pessoal mostrou correlação positiva com a satisfação laboral, sugerindo que o sentimento de competência e utilidade profissional atua como fator protetor.

Em Brunei, os resultados evidenciaram a importância dos fatores psicossociais organizacionais na manifestação do burnout¹⁷. A qualidade da liderança, a justiça no trabalho, o reconhecimento profissional e as recompensas institucionais demonstraram associação significativa com a exaustão emocional. Estes achados sublinham que o burnout não resulta exclusivamente das exigências emocionais do cuidado, mas também da estrutura organizacional e do clima laboral.

O estudo norte-americano que avaliou a implementação de cuidados paliativos primários através do protocolo CONNECT não identificou diferenças significativas nos níveis de burnout ao

longo de um ano¹⁸. Embora esta intervenção visasse reduzir o desgaste emocional, os resultados sugerem que mudanças isoladas na prática clínica podem ser insuficientes para combater o burnout sem intervenções estruturais mais amplas ao nível organizacional.

Na Polónia, confirmou-se a presença de burnout profissional associada ao racionamento de cuidados de enfermagem, insatisfação laboral e frustração organizacional¹⁹. A escassez de recursos humanos e a sobrecarga assistencial levaram à omissão de cuidados essenciais, particularmente no apoio emocional e reabilitação dos doentes, comprometendo a qualidade assistencial e intensificando o stress profissional.

Em Portugal, os profissionais de cuidados paliativos apresentaram níveis elevados de exaustão emocional, sobretudo médicos e enfermeiros, embora não se tenha verificado correlação direta com a qualidade de vida percebida¹⁴. Este fenómeno pode refletir o desenvolvimento de mecanismos de autoproteção psicológica que permitem manter a perceção de bem-estar apesar do elevado desgaste emocional.

De forma transversal, os estudos apontam a exaustão emocional como a dimensão predominante do *burnout* em enfermagem oncológica, sendo consistentemente associada a sobrecarga de trabalho, contacto contínuo com a morte, fragilidade do apoio institucional, conflitos interpessoais e ausência de reconhecimento profissional¹¹⁻¹⁷.

A intenção de abandono da profissão surge como consequência frequente, representando um risco significativo para a sustentabilidade dos serviços de oncologia.

Para além da elevada prevalência de *burnout* identificada, torna-se evidente que o fenómeno assume natureza sistémica, ultrapassando a dimensão individual do profissional. Os resultados sugerem que ambientes organizacionais fragilizados, marcados por sobrecarga assistencial, insuficiência de recursos humanos e falhas de apoio institucional, potenciam significativamente o desgaste emocional.

Assim, o *burnout* deve ser compreendido não apenas como resposta pessoal ao stress, mas como reflexo de estruturas laborais inadequadas.

A associação consistente entre exaustão emocional e intenção de abandono da profissão representa um dos achados mais preocupantes desta revisão. A perda progressiva de profissionais experientes compromete a continuidade dos cuidados, aumenta os custos institucionais com recrutamento e formação, e agrava a sobrecarga das equipas remanescentes, criando um ciclo de desgaste organizacional difícil de reverter.

Observa-se igualmente que os contextos de cuidados paliativos e unidades de maior complexidade clínica apresentam risco acrescido de *burnout*. A exposição contínua à morte, ao sofrimento intenso e à tomada de decisões éticas complexas exige elevado investimento emocional, frequentemente não acompanhado por mecanismos formais de suporte psicológico.

Outro aspeto relevante é a influência do clima organizacional na manifestação do *burnout*. Estudos incluídos nesta revisão evidenciam que liderança eficaz, justiça no trabalho, reconhecimento profissional e comunicação clara atuam como fatores protetores. Por oposição, ambientes marcados por conflitos interpessoais, ausência de

valorização e rigidez organizacional intensificam o desgaste emocional.

Importa ainda salientar que intervenções pontuais demonstraram eficácia limitada na redução do *burnout*, sugerindo que abordagens isoladas não são suficientes para combater um problema multifatorial. Torna-se necessária a implementação de estratégias integradas, envolvendo reorganização do trabalho, promoção do bem-estar psicológico, apoio contínuo e formação em gestão emocional.

A promoção da resiliência individual surge como complemento relevante às intervenções organizacionais. Programas de desenvolvimento de competências emocionais, *mindfulness*, autocuidado e *coping* adaptativo têm sido apontados como ferramentas promissoras para mitigar os efeitos do stress ocupacional, embora devam ser integrados em políticas institucionais mais amplas.

Por fim, os resultados reforçam a necessidade de monitorização sistemática do *burnout* em serviços oncológicos. A utilização regular de instrumentos validados permite identificar precocemente sinais de desgaste, possibilitando intervenções preventivas antes do desenvolvimento de consequências mais graves para os profissionais e para a qualidade dos cuidados.

Conclusão

Os resultados desta revisão integrativa demonstram que o *burnout* apresenta elevada prevalência entre enfermeiros em contexto oncológico, manifestando-se predominantemente através da exaustão emocional. A exposição prolongada ao sofrimento, à terminalidade e às exigências assistenciais intensifica o desgaste psicológico, particularmente em profissionais com

maior tempo de serviço e inseridos em unidades de cuidados paliativos.

Verifica-se associação consistente entre *burnout*, insatisfação profissional, frustração organizacional e intenção de abandono da profissão, o que compromete a qualidade dos cuidados e a estabilidade das equipas de saúde. Fatores organizacionais, como liderança inadequada, sobrecarga laboral, escassez de recursos e ausência de reconhecimento, emergem como determinantes centrais do fenómeno.

Por outro lado, estratégias de *coping*, espiritualidade, apoio psicossocial e ambientes organizacionais saudáveis demonstram efeito protetor. Torna-se essencial a implementação de políticas institucionais estruturadas de prevenção do *burnout*, incluindo programas de apoio psicológico, formação em gestão emocional, promoção do autocuidado e melhoria das condições de trabalho.

A identificação precoce dos sinais de desgaste e a intervenção sistemática poderão contribuir significativamente para o bem-estar dos enfermeiros e para a excelência dos cuidados prestados à pessoa com doença oncológica.

Para além das implicações clínicas, o *burnout* em enfermagem oncológica deve ser reconhecido como um problema de saúde ocupacional e organizacional, com repercussões económicas significativas para os sistemas de saúde. O aumento do absentismo, da rotatividade profissional e da diminuição da produtividade gera custos elevados associados à substituição de profissionais, formação de novas equipas e potencial aumento de eventos adversos.

Investir na prevenção do *burnout* representa,

assim, não apenas uma medida de promoção da saúde dos profissionais, mas também uma estratégia de sustentabilidade institucional.

Adicionalmente, torna-se fundamental que futuras investigações aprofundem a avaliação de intervenções multidimensionais, integrando componentes organizacionais, psicológicas e formativas.

Estudos longitudinais poderão contribuir para compreender a evolução do *burnout* ao longo da carreira profissional e identificar períodos críticos de maior vulnerabilidade. O fortalecimento da evidência científica permitirá o desenvolvimento de políticas públicas e institucionais mais eficazes na promoção do bem-estar dos enfermeiros oncológicos.

Referências

1. World Health Organization. Global cancer burden and incidence. Geneva: WHO. 2022.
2. Duarte J, Pinto-Gouveia J. The role of nurses in oncology care: emotional demands and professional challenges. *Eur J Oncol Nurs*. 2017; 28:80-7.
3. Guo Q, Zheng R. Assessing oncology nurses' attitudes towards death and the prevalence of burnout: a cross-sectional study. *Eur J Oncol Nurs*. 2019; 42:69-75.
4. Paiva BSR, Mingardi M, Valentino TCO, Oliveira MA, Paiva CE. Prevalence of burnout and predictive factors among oncology nursing professionals: a cross-sectional study. *Sao Paulo Med J*. 2021; 139(4):341-50.
5. Maslach C, Leiter MP. Understanding the burnout experience: recent research and its implications for psychiatry. *Annu Rev Psychol*. 2016; 67:397-422.
6. Woo T, Ho R, Tang A, Tam W. Global prevalence of burnout symptoms among nurses: a meta-analysis of prevalence studies. *Int J Nurs Stud*. 2020; 102:103472.
7. Gómez-Urquiza JL, De la Fuente-Solana EI, Albendín-García L, Vargas-Pecino C, Ortega-Campos EM, Cañadas-De la Fuente GA, et al.

Prevalence of burnout syndrome in oncology nursing: a meta-analytic study. *J Adv Nurs*. 2017; 73(9):2095-106.

8. Monsalve-Reyes CS, San Luis-Costas C, Gómez-Urquiza JL, Albendín-García L, Aguayo R, Cañadas-De la Fuente GA, et al. Burnout syndrome and its prevalence in oncology nurses: a systematic review and meta-analysis. *BMC Nurs*. 2018; 17:23.

9. Goncalves F, Gaudencio M. Burnout and quality of life in Portuguese healthcare professionals working in oncology and palliative care: a preliminary study. *Rev Enferm Ref*. 2023; serV(3):e21045.

10. Yıldırım D, Kocatepe V. A comparison of burnout and job satisfaction among cancer nurses in oncology, hematology and palliative care clinics. *Int J Caring Sci*. 2020; 13(3):1865-74.

11. Cohen JB, Reiser VL, Althouse AD, Resick JM, Chu E, Smith TJ, et al. Burnout among oncology nurses: effects of a primary palliative care intervention using the CONNECT protocol. *Cancer*. 2022; 128(10):2062-71.

12. Camargo GG, Saidel MGB, Monteiro MI. Psychological exhaustion of nursing professionals who care for patients with

neoplasms. *Rev Bras Enferm*. 2020; 73(1):e20180912.

13. Zemni I, Mansouri H, Abidi F, Ayadi MA. The perception of burnout and related influencing factors in Tunisian oncology nurses. *J Nurs Manag*. 2024; 32(1):45-54.

14. Arimon-Pagès E, Torres-Puig-Gros J, Fernández-Ortega P, Canela-Soler J. Emotional impact and compassion fatigue in oncology nurses: results of a multicenter study. *Eur J Oncol Nurs*. 2019; 43:101670.

15. Jais FA, Choo TY, Kahan H, Shahbudin S, Abdul-Mumin KH, Abdul Rahman H, et al. Psychosocial factors and burnout among oncology nurses in Brunei Darussalam: a pilot study. *Asia Pac J Oncol Nurs*. 2021; 8(4):421-8.

16. Bourdeanu L, DeSamper M, Pericak KA, Pericak A. Burnout, workplace factors, and intent to leave among hematology/oncology nurse practitioners. *Clin J Oncol Nurs*. 2020; 24(3):289-95.

17. Piotrowska A, Lisowska A, Twardak I, Włostowska K, Uchmanowicz I, Mess E. Determinants affecting the rationing of nursing care and professional burnout among oncology nurses. *BMC Nurs*. 2022; 21:148.